



"Senadores - dados biográficos", editado pela mesa do Senado Federal, relacionando os componentes da oitava legislatura (1975-1979), tem-se, em traços rápidos, o retrato social, econômico e político da Câmara Alta do Congresso Brasileiro. Alinhamos aqui, essas referências, num esboço, passível de um retrato mais elaborado por um exegeta de maior fôlego que pretenda, num trabalho mais exaustivo, retratar a face sócio-política do Senado Federal.

SENADO:

A FACE OCULTA

José Helder de Souza

O plenário do Senado da República Federativa do Brasil é composto, em sua maior parte, por bacharéis em Direito. Nele se sentam 36 advogados muito embora se saiba não ser exatamente uma representação do bacharelato, pois a maioria é apenas portadora do título e nunca passou por um escritório de advocacia. Têm origens várias - banqueiros, industriais, fazendeiros, comerciantes, magistrados ou simplesmente políticos. Tal é o caso do presidente da Casa, Magalhães Pinto, nome sempre ligado às atividades bancárias, ou de José Sarney, jornalista, escritor e integrado na política desde os verdes anos. Leite Chaves, talvez, seja o único a ter vindo de um escritório de advogado para as mesas do Senado.

Depois dos advogados, os médicos. Nove deles estão presentes no Senado Federal, entre eles Rui Santos, há muito afastado das atividades médicas, engajado na vida política baiana desde os idos de cinquenta. Ou ainda Benjamin Farah, envolvido na política desde que conquistou uma cadeira de Deputado na Constituinte de 1946.

Seguem-se a estes, em números iguais, os engenheiros e militares, cinco para cada uma dessas profissões. Luiz Cavalcante, militar e engenheiro, situa-se nas duas. Os demais militares são Jarbas Passarinho, José Guionar, Virgílio Távora e Amaral Peixoto.

A indústria tem cinco representantes e a agricultura três. Não obstante saber-

se que muitos dos demais sejam ligados às classes produtoras. Itálio Coelho é um desses casos. Tem seu nome na lista de senadores como advogado e suas atividades maiores, no entanto, são de grande criador de gado, industrial e banqueiro.

É interessante frisar que nenhum dos que se declaram industriais de profissão representam o Estado de São Paulo, onde existe a maior concentração industrial da América Latina. Os industriais-senadores são de Alagoas (Teotônio Vilela), Rio Grande do Norte (Dinarte Mariz), de Goiás (Benedito Ferreira), do Amazonas (José Esteves) e de Santa Catarina (Otair Becker). Os representantes de São Paulo são todos advogados: Franco Montoro, Orestes Quêrcia e Otto Cirilo Lahmer, substituto de Orlando Zancaner.

Teotônio Vilela - fato curiosíssimo - um notório intelectual, familiarizado com os clássicos da língua portuguesa e de nítidas posições político-filosóficas, um paladino do liberalismo, não declarou seu grau de instrução e se disse apenas industrial. Agenor Maria, por sua vez, homem que tem se notabilizado pela defesa da economia popular, declarou-se agricultor, muito embora não aparente ser um representante do latifúndio.

ORIGENS

É interessante salientar que apenas dez dos atuais senadores começaram a vida política nas Câmaras de Vereadores, subindo, depois, os demais degraus: Evandro Carneiro, entre eles, é o único a passar diretamente de um mandato de vereador para um de senador. Doze deles iniciaram a carreira como Prefeito municipal, entre eles Catete Pinheiro e Alexandre Costa. Os que tiveram a carreira iniciada nas Assembleias Estaduais, são 14; Eurico Rezende é um deles. Vinte e um iniciaram a escalada para o Senado elegendo-se Deputado Federal.

Jarbas Passarinho e Luiz Cavalcante são os dois únicos a começar a vida política pelo alto: foram governadores e depois conquistaram o direito de sentar no plenário do Senado Federal. O primeiro foi levado de um cargo administrativo ao Governo do Pará em junho de 1965 e, em 67, conquistou, pelo voto, a cadeira de Senador. Luiz Cavalcante, depois, também de exercer um cargo técnico em Alagoas, foi eleito Governador em 1961, ficando no cargo até 1966, quando se elegeu Deputado Federal e, em 1970, Senador.

NEOFITOS

Seis Senadores, todos do MDB - Adalberto Sena, Danton Jobim, Gilvan Rocha, Lázaro Barboza e Leite Chaves - passaram, sem vestibular, da planura para os píncaros da vida pública. O primeiro, em 1962, saiu de um cargo burocrático do Ministério da Educação e os demais surgiram na crista da onda dos votos de protesto nas eleições de 1974. Alguns deles - como Gilvan Rocha e Leite Chaves - eleitos quase que por acidente. Instados a candidatar-se, inscreveram seus nomes, sem grandes esperanças. Abertas as urnas, tiveram a grande surpresa de se ver senadores da noite para o dia, sem os naturais estágios feitos por seus pares, desde a vereança, prefeituras, assembleias, governadorias, etc...

Cinquenta e um dos atuais Senadores chegaram à Casa nesta década, entre eles Gustavo Capanema, homem que

vem dos idos de 30, quando se elegeu vereador em Pitangui, Minas Gerais, para depois ser Interventor Federal em seu estado natal (1933), Ministro da Educação (1934-1945), representante na Assembleia Constituinte de 1946, ficando na Câmara até 1970.

Amaral Peixoto, igualmente, depois de uma longa carreira política, iniciada em 1937 como Interventor no Estado do Rio, constituinte, Ministro de Estado e Deputado Federal em sucessivas legislaturas, só em 1970 pleiteou um lugar no plenário do Senado.

REVOLUCIONARIOS

Nos dois partidos, Arena e MDB, verifica-se que apenas 15 senadores começaram a fazer política depois de 1964, vindo diretamente para o Senado ou passando, antes, por outros cargos eletivos ou, ainda, simplesmente, ingressando na vida pública, como é o caso de Jarbas Passarinho e daqueles quatro senadores do MDB.

Os demais filhos da Revolução de 1964 com presença do Senado são: Altevir Leal, Augusto Franco, Benedito Ferreira, Danton Jobim, Evelásio Vieira, Fausto Castelo Branco, Itamar Franco, José Lindoso, Marcos Freire e Otair Becker.

PATRIARCA

Renato Franco, eleito pela Arena do Pará, merece uma referência a parte. É o único Senador nascido no século passado, em junho de 1895. Nos seus 81 anos de farmacêutico, dentista, advogado, economista e professor, fez política estadual, chegando a Presidente da Assembleia Legislativa e Vice-Governador do Estado, para eleger-se, finalmente, Senador em 1970. Orestes Quêrcia e Lázaro Barboza, os dois mais novos, têm idade de ser seus netos - nasceram em 1938.

DECANOS

Ruy Carneiro, do MDB da Paraíba, é a presença mais antiga no congresso e no Senado. Elegeu-se Deputado Federal em 1934 e foi Governador de seu Estado de 1940 a 45. Em 1950 elegeu-se Senador, reelegendo-se para o cargo desde há 26 anos. Egresso do antigo PSD, é um dos mais legítimos representantes da velha geração de políticos brasileiros.

Daniel Krieger e Dinarte Mariz são, depois de Rui Carneiro, os mais antigos, eleitos que foram em 1954 e reeleitos ininterruptamente até nossos dias. O primeiro começou elegendo-se para a Assembleia Constituinte do Estado do Rio Grande do Sul, na redemocratização de 1945, e o segundo principiou como Prefeito de sua terra, Caicó, vindo em 1954 para o Senado. Interrompeu a carreira parlamentar em 1956 para governar o Rio Grande do Norte e em 1962 regressou ao Senado. Wilson Gonçalves e José Guionar são, em seguida, os mais antigos, eleitos em 1962. Petrônio Portella, atual líder da maioria no Senado, e Teotônio Vilela, seguem-se aos dois no tempo: Vêm de 1966.

CONSTITUINTES

Chegamos por fim a assinalar a presença ilustre dos constituintes de 1946, sentados hoje no plenário do Senado. Os baianos Luiz Viana Filho e Rui Santos, com uma carreira iniciada na Constituinte de 1946, só em 1970 pensaram em se eleger senadores. O primeiro teve a mais variada carreira, sendo, além de Deputado Federal, Governador da Bahia e Chefe da Cda Civil do Presidente Castello Branco. Rui tem sido apenas parlamentar. Os mineiros Gustavo Capanema e Magalhães Pinto também estão entre os membros



da Constituinte de 1946, e, igualmente, por estranhos designios, só chegaram ao Senado nesta década. Governadores e Ministros em períodos diversos da vida política brasileira, preferiram a atuação parlamentar na Câmara dos Deputados até chegar em 1970 ao Senado. Finalmente, os representantes do Estado do Rio, Benjamin Farah e Amaral Peixoto: o primeiro, Deputado desde 1946, e o segundo uma proverbial figura da política nacional nascida na Ditadura de Getúlio, foram também eleitos para o Senado somente nesta década.

FAMILIA

Os senadores da República são de um modo geral pais de famílias numerosas, numa tradição bem brasileira. Quarenta e cinco deles têm mais de quatro filhos. O Senador Paulo Guerra, de Pernambuco, porém, ultrapassou os padrões, tendo 13 filhos, seguido imediatamente por Agenor Maria, com 11, depois Augusto Franco, pai de nove. Eurico Rezende, Franco Montoro, José Lindoso e Teotônio Vilela, seguem-se com sete filhos cada um.

